

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS - EaD**

**MARCUS VINICIUS XAVIER RAMOS**

**ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA SURDOS: PENSANDO A  
DIDÁTICA A PARTIR DA SÉRIE CRISÁLIDA**

**PATOS- PB2020**

**MARCUS VINICIUS XAVIER RAMOS**

**ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA SURDOS:  
PENSANDO A DIDÁTICA A PARTIR DA SÉRIE CRISÁLIDA**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

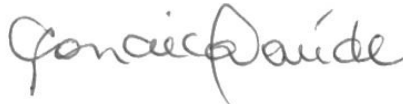
**APROVADO EM: 23/12/2020**

**BANCA EXAMINADORA**



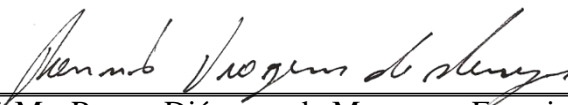
---

Profa. Dra. Shirley Barbosa das Neves Porto - Orientadora  
Universidade Federal de Campina Grande



---

Profa. Ma. Conceição Costa Saúde - Examinadora  
Universidade Federal de Campina Grande



---

Prof. Ms. Ronny Diógenes de Menezes - Examinador  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CAMPUS PATOS/IFPB

R175a Ramos, Marcus Vinícius Xavier

Adaptação de materiais pedagógicos para surdos:  
pensando a didática a partir da série Crisálida/ Marcus  
Vinícius Xavier Ramos. - Patos, 2020.

22 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em  
Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2020.

Orientadora: Dra. Shirley Barbosa das Neves Porto

1. Libras 2. Inclusão 3. Sociedade 4. Ensino didático  
I. Título.

CDU – 376

## RESUMO

O objetivo fundamental deste artigo é apresentar um olhar da possibilidade de aplicação pedagógica da série Crisálida. Para tanto, os objetivos específicos são: realizar uma reflexão na perspectiva de uma “Educação para Todos” a partir da adaptação de materiais didáticos, digitalizados (adaptados para alunos com deficiência), no contexto da educação de surdos; elencar possibilidades de atuação para o trabalho em sala de aula com a pessoa surda a partir das contribuições teóricas da avaliação da aprendizagem no ensino de pessoas surdas; e desenvolver uma sequência didática utilizando a série Crisálida como norteadora dos temas a serem debatidos pelos alunos. Esta série está sendo bastante divulgada em nosso país, apresentando que as pessoas surdas não apenas vivenciam processos de discriminação, como também podem viver em sociedade sem deixar de lado a sua identidade surda. Procuramos desenvolver uma sequência didática utilizando a série Crisálida como norteadora dos temas a serem debatidos pelos alunos, visto que as pessoas surdas enfrentam diversas barreiras atitudinais e comunicacionais para ter acesso e permanência em instituições de ensino e na sociedade. Com base nos referenciais teóricos que levantamos para o desenvolvimento deste artigo (BASTOS, 2016; MIRANDA, 2016; CASTRO; MARCOS, 2017; RIBEIRO E FRANCO, 2018; MENDES, 2018), podemos dizer que trabalhos que visam refletir sobre propostas do ensino de Libras com pessoas surdas e ouvintes precisam ganhar mais espaço no contexto da produção de trabalhos acadêmicos. Metodologicamente, realizamos uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa e com seus resultados lastramos nossas reflexões para a construção de nossa sequência didática. O trabalho pedagógico proposto tem como referência uma série televisiva apresenta que um dos principais desafios no contexto da escolarização hoje é quando, na sala de aula, há apenas um surdo, pois ele não tem nenhuma criança ou adulto surdo de referência para se inspirar e desenvolver sua identidade enquanto surdo. Desta forma, cabe ao professor em sala de aula criar estratégias de trabalho com a valorização da comunicação surda como forma de inserir esse aluno surdo não apenas na sala de aula e na escola, mas também nas relações sociais que são dinamizadas fora da instituição de ensino escolar. Nossas considerações seguem na direção de que muito ainda há que ser pesquisado sobre a presença dos surdos na sociedade fora do modelo cristalizado de deficiência para que sua educação seja efetiva em ambiente que se propõe inclusivo.

**Palavras-chave:** Libras, inclusão, sociedade, ensino, didática.

## ABSTRACT

The most important objective of this work is to show some possibilities to apply pedagogically the film, *Crisalida*. On the other hand, the objectives are: To realize a reflection about "Education for everybody", in this case, a death education, principally in the classroom, from theoretical contributions of the learning evaluation for deaf people (students) and develop a didactical sequence using *Crisalida* series like a discussion among pupils. Here in Brazil, this series is so much spread nowadays. It takes about discrimination process here in Brazil in the deaf lives, so, many subjects are important and must be discussing among deaf students or listening one, but, it is necessary to the Student of post graduation in Brazilian Sign Language - IFPB/Patos - Paraíba Giding Teacher - Campina Grande Federal University know that deaf people face barriers for communications to have access and permanence in educational institutions and in society. Based on the theoretical frameworks we raised for the development of this article. (BASTOS, 2016; MIRANDA, 2016; CASTRO; MARCOS, 2017; RIBEIRO E FRANCO, 2018; MENDES, 2018), we can say that works that aim to reflect on teaching proposals Pounds with deaf people and listeners need to gain more space in the context of the production of academic papers. The pedagogical work based on a television series shows that one of the main challenges in the context of schooling today is when, in the classroom, there is only one deaf person, because he has no deaf child or adult to be inspired and developed your identity while deaf. In this way, it is up to the classroom teacher to create work strategies with the valorization of deaf communication as a way to insert this deaf student not only in the classroom and at school, but also in the social relationships that are dynamized outside the educational institution. Our considerations go in the direction that much remains to be researched about the presence of the deaf in society outside the crystallized model of disability so that their education is effective in an environment that proposes to be inclusive.

**Keywords:** Libras, inclusion, society, teaching, didactic.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>13</b>
2.1	UMA RETROSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS	<b>13</b>
2.2	AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE PESSOAS SURDAS	
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	
3.1	O QUE PESQUISAS SOBRE ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS PARA SURDOS NOS ENSINAM: UMA ROTA NORTEADORA	
3.2	A SÉRIE CRISÁLIDA: APRENDIZADOS E REFLEXÕES	
3.3	CRISÁLIDA EM SALA DE AULA: UMA POSPOSTA DE APLICAÇÃO POSSÍVEL POR MEIO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
3.3.1	Apresentação da situação e produção inicial	
3.3.2	Trabalho minucioso	
3.3.3	Produção final	
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

O sistema inclusivo atualmente traz para todos os profissionais que o vivenciam diversos desafios, além das questões atitudinais que precisam cotidianamente de revisão. Nesse contexto, os profissionais em educação devem adaptar o currículo e a metodologia de ensino de acordo com as especificidades dos alunos. A abordagem educacional inclusiva, ou seja, aquela que respeita as diferenças<sup>1</sup> das crianças e jovens, deve possuir um currículo que acompanhe as mudanças sociais e, ao mesmo tempo, deve ser problematizada por mais pesquisas científicas na área, no intuito de ampliar e valorizar os recursos materiais e humanos de professores e de professoras que, por meio da criatividade, se comprometem com o ensino.

Nessa perspectiva, percebemos que, no caso dos surdos, apesar do quantitativo ainda ínfimo de pesquisas que tratam o currículo para a sua inclusão educacional, dos recursos materiais e humanos que os traz para a cena em primeiro plano no cenário educacional, existe no mercado de gêneros literários, teatrais, cinematográficos, entre outros, produções de relevo estético e de conteúdo que, não apenas põem em xeque as vivências e práticas escolares, mas também resumem, contam e problematizam a história social e educacional destas pessoas. Este é o caso da série *Crisálida*, disponibilizada há pouco tempo pela plataforma de filmes e séries, Netflix.

Segundo o dicionário On-line de Língua Portuguesa (Dicio), o termo *crisálida* é o terceiro estado do ciclo de vida da borboleta, é ligado ao estágio em que a lagarta atinge seu desenvolvimento completo, solta a pele e produz a dura casca protetora da crisálida. Segundo o site da série, está se caracteriza em um universo onde o som não existe, em que jovens surdos enfrentam os desafios de uma sociedade desenhada apenas para ouvintes. *Crisálida* é a primeira série de ficção dramática bilíngue, em Libras e português realizada no Brasil. Sua primeira temporada estreou no dia 26 de setembro de 2019, na TV Cultura, recebendo boas críticas. Em 1º de maio de 2020, entrou para a Netflix, no Brasil e em Portugal, questionando histórica e sociologicamente o conflito racial, como também apresentando aspectos que

---

<sup>1</sup> O termo “diferença” utilizado neste trabalho constitui um registro lexical que diferencia nossa visão acerca das pessoas com deficiência. Ao utilizarmos “diferença” marcamos politicamente nossa visão de que a condição física, sensorial ou intelectual, seja ela qual for, não é condição de diminuição da humanidade da pessoa, sendo, na verdade, condição que requer luta política por espaços históricos, econômicos, sociais, educacionais. Estamos cientes de que as marcas constituidoras dessas pessoas as fazem estar no mundo de modo não típico. São pessoas que não se locomovem com as pernas como as demais, que não utilizam os olhos como fonte de percepção do mundo, não pensam a partir de critérios de coeficiente de inteligência, não apreendem os significados, símbolos e modos de pensar a partir da língua oral majoritária, mas que não perdem por isso sua humanidade, constituem a sociedade como todos.

remetem a conteúdos que estão relacionados com as disciplinas de Sociologia, História e Literatura do Brasil, problematizando as relações sociais, e a conformidade da divulgação cultural entre as pessoas na sociedade.

Assim, o objetivo fundamental deste artigo é apresentar um olhar da possibilidade de aplicação pedagógica da série Crisálida. Para tanto, os objetivos específicos são: realizar uma reflexão na perspectiva de uma “Educação para Todos” a partir da adaptação de materiais no contexto da educação de surdos; elencar possibilidades de atuação para o trabalho em sala de aula com a pessoa surda a partir das contribuições teóricas da avaliação da aprendizagem no ensino de pessoas surdas; e desenvolver uma sequência didática utilizando a série Crisálida como norteadora dos temas a serem debatidos pelos alunos. A justificativa para o uso da série como referência da cultura surda é que esta série está sendo bastante divulgada em nosso país, apresentando não apenas os desafios que as pessoas surdas enfrentam no dia a dia por diferentes barreiras atitudinais e comunicacionais, para ter acesso e permanência em instituições de ensino e na sociedade, mas também o potencial da Libras como principal língua de comunicação e de afirmação da identidade da pessoa surda no contexto social.

Na fundamentação teórica da pesquisa, buscamos trazer duas questões: A primeira, refere-se a necessária retrospectiva da educação dos surdos, pois que ainda muitas pessoas desconhecem a história vivida por esses sujeitos. A segunda, aborda a avaliação educacional dos surdos, considerando, inclusive, questões históricas que compõe processos avaliativos gerais, mas também abordamos as pesquisas existentes sobre adaptação de materiais no contexto da educação inclusiva de surdos (BASTOS, 2016; MIRANDA, 2016; CASTRO; MARCOS, 2017; RIBEIRO E FRANCO, 2018; MENDES, 2018), bem como a nossa proposta de sequência didática por meio de estratégias e de sugestões para a inclusão de pessoas surdas no ambiente escolar.

Sobre a metodologia, esta consistiu em uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa. Para tal pesquisa, utilizamos o Google Acadêmico como fonte de busca. O período definido para as pesquisas foram os últimos dez anos. E as palavras-chave foram “surdez”, “materiais pedagógicos” e “materiais adaptados”. A análise foi realizada por meio do procedimento de triangulação entre a reflexão proporcionada por nosso referencial teórico, o que diziam as pesquisas sobre o tema e o diálogo com a série Crisálida. Nossas considerações seguem na direção de que muito ainda há que ser pesquisado sobre a presença dos surdos na sociedade fora do modelo cristalizado de deficiência para que sua educação seja efetiva em ambiente que se propõe inclusivo.



## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 UMA RETROSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS**

Antes de adentrarmos nas questões específicas da adaptação de materiais na educação de surdos, é necessário que façamos uma breve retrospectiva histórica em torno das pessoas surdas no contexto da sociedade, considerando nos momentos históricos as questões educacionais que envolveram o desenvolvimento escolar desses sujeitos.

Ao nos reportarmos a história, vemos que a pessoa com deficiência, seja ela qual for, era condenada a exclusão social, além de não ter direito algum como cidadão. Na Antiguidade, os surdos foram maltratados, sendo vítimas de extermínio e segregação, pois eram olhados como uma aberração. Supondo-se que estariam sendo castigados pelos deuses, muitas vezes eram tratados com crueldade, sendo abandonados ou sacrificados por aqueles que os julgavam como enfeitiçados (GOLDFELD, 1997). Mendes (1995) retrata que isto aconteceu no final da Idade Média com início da Idade Moderna. O atendimento a essas pessoas só teve início no século XVI, quando passaram a ser vistas como doentes, necessitadas da medicina.

Na Idade Moderna, com o advento da categorização das deficiências físicas e sensoriais e das doenças mentais, surgiram os hospitais psiquiátricos, objetivando retirar as pessoas com doença mental e com deficiência da sociedade. Eram como prisões. Assim, quem tinha alguma deficiência passou a ser tutelado pela medicina para ser corrigido. Até o século XV, como ninguém tinha interesse em educar os surdos e como não possuíam direitos, estes eram deixados à margem da sociedade. No século XVI, aparecem na França, Inglaterra e Alemanha os primeiros educadores de surdos. Nomes como Girolamo Cardano (1501 – 1576), Pedro Ponce de Leon (1520 – 1584), Juan Pablo Bonet (1579 – 1620) e Charles de L’Epee (1712 – 1789), entre outros, começam a propiciar discussões sobre a educação dos surdos em todo o mundo. Na Espanha, o monge Pedro Ponce de Leon foi o primeiro professor de pessoas surdas, no Mosteiro de S. Salvador, próximo à Madrid. Com êxito, ensinou quatro surdos a escrever, mostrando-lhes os objetos, depois a falar grego, latim e italiano, palavras a que correspondiam, ensinando-lhes conhecimentos de física e astronomia, utilizando um método que incluía sinais e oralização (GOLDFELD, 1997).

Ainda no século XVI, o médico italiano Girolamo Cardano, interessado em estudar o caso do seu filho, encontrou o livro de Rudolphus Agrícola, constatando que a capacidade dos surdos de aprender estava preservada, sendo então possível a leitura e a escrita que

viabilizava a expressão de seus sentimentos (JANNUZZI, 2004). No século XVII, Juan Pablo Bonet (1579 – 1620) educou pessoas surdas da mesma família nobre na qual atuou Ponce De Leon. Em 1620, publicou A Simplificação do som e forma de ensinar o surdo a falar. Também foi neste século que o trabalho de Charles de L’Epee, pai da educação pública de surdos na França, desenvolveu-se.

A sociedade passou a enxergar as pessoas com deficiência como pessoas que podem ser educadas e ter acesso ao processo educacional em ambientes de ensino especial no final do século XIX e pelo XX. Nesse contexto histórico, os surdos também tiveram seus processos educacionais organizados em formato de segregação de escolas especiais oralistas<sup>1</sup>. No final do século XX, tiveram início os movimentos sociais, políticos e educacionais, organizados por estudiosos e associações de surdos que promoveram por meio de conferências, debates e estudos, o aprofundamento das discussões, problematizando os aspectos acerca do público excluído, resultando em reflexões das práticas pedagógicas. Possivelmente, fruto de todo o movimento surdo que se inicia na década de 1970, temos a Declaração Mundial sobre a Educação para todos (Declaração de Joimten, 1990), da qual o Brasil é signatário, assumindo o compromisso de diminuir o analfabetismo no país.

No âmbito do desenvolvimento de ações afirmativas para a educação das pessoas com deficiência, a Declaração de Salamanca (1994) também foi assinada pelo Brasil. Esta caracteriza a inserção dos indivíduos com necessidades educacionais especiais numa política de justiça social em que se promove que a sua educação se realize em conjunto aos demais membros da sociedade, conforme expõe seu texto:

As escolas se devem ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito, terão de incluir-se crianças com deficiência ou superdotados, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavoráveis ou marginais (SALAMANCA, 1994, p. 6).

Essa trajetória nos mostra como é recente a conquista social dos direitos das pessoas com deficiência. As pessoas surdas, por exemplo, só tiveram sua língua reconhecida no Brasil no ano de 2002, através da Lei nº 10.436, ou seja, possui 17 anos de aprovação. E a adaptação de materiais pedagógicos ganha força nas escolas regulares, principalmente pela atuação do professor do Atendimento Educacional Especializado.

A política pública de inclusão vigente no Brasil (Lei nº 13.146) é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades

fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015). Sendo assim, no artigo 27, a legislação compreende que

a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015, Artigo 27).

No parágrafo único da referida lei, compreende como orientação que “é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação”.

Desde o final do século XX até os dias atuais, temos avanços sociais pedagógicos e tecnológicos por uma sociedade inclusiva no Brasil. Por causa destes avanços, alunos com deficiência contam com salas de recursos, atendimentos diferenciados, computadores adaptados com programas e aplicativos etc. Avanços merecidos para uma população que sofreu com discriminação e preconceitos e hoje busca garantir seus direitos. A esse respeito, Goffredo (1999, p. 31) diz:

Frente a esse novo paradigma educativo, a escola deve ser definida como uma instituição social que tem por obrigação atender todas as crianças, sem exceção. A escola deve ser aberta, pluralista, democrática e de qualidade. Portanto deve manter as suas portas abertas às pessoas com necessidades educativas especiais (GOFFREDO, 1999, p. 31).

A escola deve receber todas as crianças, jovens e adultos independente de suas condições físicas, intelectuais ou sociais, adaptando-os ao processo de ensino e aprendizagem, com uma estrutura física adaptada às necessidades dos alunos e com profissionais aptos e recebê-los, tornando a escola um ambiente agradável.

## 2.2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE PESSOAS SURDAS

Dentre as práticas sociais e históricas, encontramos a educação e seus processos avaliativos. Como prática social, a educação, seja ela escolar, ou não, influencia e é influenciada por fatores políticos econômicos, sociais e culturais. Neste caminho, alguns conceitos acompanham a avaliação e norteiam as práticas de ensino no âmbito escolar. Partindo da questão histórica para compreender os processos avaliativos da atualidade,

sabemos que o modelo jesuítico, que esteve presente desde o início da colonização portuguesa no Brasil, e já apresentava em seu manual, *Ratio Studiorum* - datado de 1599, os três passos básicos de uma aula: preleção do conteúdo pelo professor, levantamento de dúvidas dos alunos e exercícios para fixação, cabendo ao aluno a memorização para a prova.

Assim, vemos que ter um exame final historicamente constitui nosso padrão de compreensão sobre processos de avaliação. Lendo Afonso (2000), podemos afirmar que o ápice desse modelo está atrelado à ascensão da burguesia, uma vez que desprovida dos privilégios garantidos por nascimento e da fortuna da aristocracia recorre ao trabalho e aos estudos como forma de ascensão social. Não podemos deixar de ressaltar a extinção do exame de admissão para ascensão educacional do aluno foi um grande passo na democratização do Estado e na configuração de uma sociedade educacionalmente mais aberta.

No início do século XX, vemos surgir a concepção de avaliação a partir dos estudos desenvolvidos nos Estados Unidos, com Thorndike acerca dos testes educacionais. Tais estudos prosperaram muito e resultaram no desenvolvimento de testes padronizados para medir habilidades e aptidões dos alunos. Essa possibilidade de mensuração de comportamentos por meio de testes propiciou a expansão de uma cultura dos testes e medidas na educação e, por essa razão, Dias Sobrinho (2003) afirma que:

Nas primeiras décadas do século passado, avaliar se confundia com medir: Embora consideremos hoje importante distinguir avaliação e medida, naquele momento, esses termos se tomavam um pelo outro. A avaliação era eminentemente técnica, consistindo basicamente em testes de verificação, mensuração e quantificação de resultados (SOBRINHO, 2003, p. 17).

Na década de 1970, encontramos na pedagogia tecnicista a avaliação como medida, aquela que pode ser quantificada. Segundo Hadji (2001), reduzir a avaliação à medida ou mais especificamente à prova implica aceitar a confiabilidade da prova como instrumento de medida e desconsidera que a subjetividade do avaliador pode interferir nos resultados da avaliação. Em razão disso, ele nos alerta:

(...) registraremos aqui o fato de que hoje se sabe que a avaliação não é uma medida pelo simples fato de que o avaliador não é um instrumento, e porque o que é avaliado não é um objeto no sentido imediato do termo. Todos os professores avaliadores deveriam, portanto, ter compreendido definitivamente que a “nota verdadeira” quase não tem sentido (HADJI, 2001, p. 34).

No final dos anos 1980 e início de 1990, surgem, no Brasil, concepções mais progressistas de avaliação. Uma delas é a da Professora Jussara Hoffman, para quem a

avaliação anda junto com a aprendizagem. Para ela, um professor que não avalia constantemente a ação educativa, no sentido indagativo, investigativo do termo, instala sua docência em verdades absolutas, pré-moldadas e terminais. Com esse pensamento, defende a avaliação como mediadora do processo de ensino e de aprendizagem. A avaliação mediadora se desenvolve em benefício do educando e acontece quando o diálogo é estabelecido entre quem educa e quem é educado. Para esta concepção de avaliação, cabe ao professor informar, através do diálogo, o processo de aprendizagem do seu aluno. O caminho da avaliação com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N. 9394, de 1996, passou a avaliar o aluno considerando seu potencial, diante do processo ensino-aprendizagem, o seu envolvimento através da participação em sala de aula, envolvimento nas tarefas e trabalhos recomendados durante e após a aula (HOFFMANN, 1993).

As transformações nas visões sobre processos de avaliação escolar nos mostram que avaliar é uma construção diária e está atrelada a condicionantes também sociais e a lutas políticas da população pelo direito à educação, e que fazê-la em alguns casos se torna um desafio, como é na educação de alunos surdos. As escolas regulares recebem esses alunos muitas vezes sem o devido suporte técnico e pedagógico para os professores, nenhuma base de experiência sobre estratégias de ensino em sinais, e, por fim, sem propostas advindas de reflexões que contribuam na forma de como avaliar o surdo. Isso também se dá pelo fato de não haver escolas de formação bilíngue no país, como nos mostra Côrrea *et al* (2016). Segundo a autora, a avaliação escolar da pessoa surda ainda necessita de mais discussões, pois estes usam uma língua própria e apresentam características diferenciadas, e que, antes de selecionar o melhor método de avaliação, é preciso reconhecer a língua na qual o aluno se sente confortável para aprender e se expressar. Um bom caminho é reconhecer o avanço conquistado em cada etapa utilizando as diversas estratégias de ensino aprendizagem que temos no meio educacional, buscando formar cidadãos críticos, porque são participantes ativos de seu processo educacional tanto para estudantes ouvintes quanto para estudantes surdos.

Destarte, se faz importante a elaboração de materiais didáticos que possam atender as necessidades da realidade educativa e educacional de pessoas surdas no ambiente escolar, de modo que também seus processos de avaliação escolar consigam ser admitidos da melhor forma possível. Isso porque é preciso considerar que o uso de uma língua na modalidade viso-espacial permite que o indivíduo possa acessar todos os recursos que a linguagem lhe proporciona, organizando o pensamento, e tendo capacidade de lidar com a comunicação com outras pessoas. Desta forma, é possível estabelecer uma vida social e política sem restrições.

É neste sentido que é necessário criar estratégias de trabalho com a Libras, não apenas socializando em sala de aula com alunos ouvintes a Língua Brasileira de Sinais, como também considerando o ingresso cada vez mais dessa língua nos espaços escolares, concorrendo também em grau de importância para a prática curricular que coloca a Língua Portuguesa como importante para a nossa socialização.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 O QUE PESQUISAS SOBRE ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS PARA SURDOS NOS ENSINAM: UMA ROTA NORTEADORA**

A pesquisa bibliográfica que empreendemos fundamenta-se em conhecimentos proporcionados pela Biblioteconomia e Documentação, entre outras ciências e técnicas empregadas de forma metódica envolvendo a identificação, localização e obtenção da informação, fichamento e redação do trabalho científico. Por meio da busca a referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas publicadas, esse tipo de pesquisa traz subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (SALOMON, 2004). Para a elaboração da pesquisa bibliográfica foi feito um levantamento das produções científicas de alguns autores do campo da surdez no Brasil, através do Google acadêmico, que é uma das plataformas digitais que possui um dos bancos de dados atualizados, e também se trata de uma das plataformas de pesquisa utilizada com frequência no levantamento de trabalhos acadêmicos por diversos estudantes das mais diferentes etapas do ensino superior (graduação e pós-graduação). As palavras chaves foram: “surdez”, “materiais pedagógicos” e “materiais adaptados”, com o objetivo também de trazer e pontuar as visões destes autores para o campo pedagógico de alunos surdos quanto ao ensino escolar. Os trabalhos encontrados consistem nas pesquisas realizadas nos últimos dez anos, e trazem sugestões e reflexões referentes a materiais pedagógicos adaptados.

Na próxima sessão apresentamos as principais pesquisas encontradas no Google Acadêmico. O procedimento de análise foi feito de acordo com a teoria de Bardin (2011), que diz que a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, voltada para conteúdos extremamente diversificados. Assim, a partir de uma leitura flutuante, criamos a hipótese de que o ensino para as pessoas surdas em classes de ensino regular era difícil devido a forma como escolas e professores não

conseguem desenvolver um trabalho pedagógico suficiente com materiais e conteúdos no contexto da educação inclusão. Os resultados da análise demonstraram que apesar de ainda serem poucos, há estudos que tratam sobre o ensino de pessoas surdas em escolas regulares inclusivas. No âmbito da reunião dos trabalhos, nem todos os estudos encontrados tratam de uma experiência desenvolvida em sala de aula, mas também de reflexões e de proposições de como se relacionar com a pessoa surda no dia a dia a partir do uso da Libras. Nesse sentido, podemos dizer que trabalhos que visam refletir sobre propostas do ensino de Libras e processos de avaliação com pessoas surdas e não surdas precisam ganhar mais espaço no contexto da produção de trabalhos acadêmicos.

Os arquivos encontrados no período entre 2010 e 2020 para nossa surpresa, foram escassos, decorrente de diversas áreas de conhecimento. Embora pesquisando artigos a partir do ano de 2010, o primeiro que encontramos é do ano de 2016, reforçando mais uma vez a escassez de pesquisas na área no que diz respeito o uso das palavras-chave que escolhemos para efetivar a pesquisa bibliográfica, e também a plataforma utilizada para a busca de tais trabalhos. Sendo assim, analisamos os trabalhos de 2016 até o ano de 2018.

Amélia Rota Borges de Bastos (2016). O trabalho tem como foco o material didático digital. Este material oferece meios de personalização na apresentação da informação, além de oferecer opções para o uso da linguagem, expressões matemáticas e símbolos. O trabalho discute os cuidados necessários para se construir e adequar os recursos pedagógicos para o ensino de alunos com necessidades educativas especiais, salientando que é necessário reconhecer os estilos cognitivos de seus usuários para promover o acesso aos conteúdos curriculares que garantem a inclusão na escola comum. A autora diz que no caso dos alunos surdos é necessário entender que a Libras é a primeira língua e a segunda língua é a Língua Portuguesa. O trabalho em questão apresenta uma tabela periódica organizada de acordo com o desenho universal da aprendizagem, onde esta tabela foi ampliada, constrói-se verbetes químicos para apoiar a compreensão dos alunos surdos sobre os elementos químicos, uma vez que apenas seis elementos possuem sinais na Libras. Além disso foram confeccionadas caixas de referência com representações dos elementos em objetos, materiais e alimentos do cotidiano para facilitar a compreensão dentre outras proposições.

A autora do trabalho titulado “Material didático digital: nova forma de o aluno surdo “ler” e “interagir” com os conteúdos educacionais?” é Dayse Garcia Miranda (2016). Este artigo procura apresentar formas e condições de aprendizagem, buscando vários recursos para dar suporte aos conhecimentos repassados aos alunos. Utilizando os recursos tecnológicos como base. Miranda nos diz que a educação contemporânea é marcada pela diversidade,

flexibilidade, e necessidade de atender as demandas de ordem linguísticas, culturais, sociais e regionais. A autora orienta que as ações educativas inclusivas têm como eixos o convívio com as diferenças, a aprendizagem como experiência relacional e a interação que produzirão sentido para o aluno, contemplando sua subjetividade. Por isso, a produção de material e ações educativas para alunos surdos, nomeado recurso didático-pedagógico, visa apoiar a prática docente, facilitando a ação do professor sensível a organização da escola e aos projetos pedagógicos. A autora salienta que a tecnologia vem sendo contemplada nas escolas brasileiras por parte dos governantes, que buscam oferecer diversos suportes como vídeos, multimídias, games, internet, livros, apostilas, e-books, materiais didáticos digitalizados (adaptados para alunos com deficiência), instrumentos e produtos pedagógicos utilizados em sala de aula, bem como material instrucional, de forma a garantir uma aprendizagem mais sólida e fazer com que o aluno retenha conteúdos, para, posteriormente, aprimorá-los.

Os autores do trabalho titulado “Confecção de materiais pedagógicos e oficinas de Libras no contexto da inclusão do aluno surdo nos anos iniciais do ensino fundamental” são Aldo de Oliveira de Castro e Marcia Cristina Martins Marcos (2017). O presente trabalho investiga o uso de materiais didáticos adaptados como ferramenta de ensino em uma classe mista de alunos ouvintes e um aluno surdo. Apesar de ser um artigo referente ao ensino fundamental I, diferente do enfoque deste trabalho que é voltado para o ensino fundamental II, vimos questões importantes para refletir a adaptação de materiais pedagógicos para alunos surdos, sabendo que o nível de aprendizagem do aluno surdo varia. Ou seja, mesmo estando na escola a partir do sexto ano isso não significa que os alunos surdos dominam o conteúdo e o ensinamento da primeira etapa escolar. A pesquisa faz uma análise da situação das escolas, dos professores e da formação destes profissionais, apontando fatores encontrados nesses três contextos que dificultam a aprendizagem do aluno surdo. Inicialmente o trabalho apresenta uma pesquisa descritiva e posteriormente a intervenção em sala de aula, em que foram elaborados recursos pedagógicos que auxiliaram no processo de alfabetização e de interação do aluno surdo na escola. Dentre as considerações, se entende que, de modo geral, os professores têm pouco conhecimento do processo de escolarização do surdo, tanto nas estratégias para serem utilizadas em sala de aula quanto na necessidade de adaptação dos materiais de uso diário que facilitem a comunicação do professor com o aluno surdo. A partir da realização da oficina de Libras no trabalho foi possível propiciar também aos alunos ouvintes o respeito e o reconhecimento da língua brasileira de sinais.

Nayla Schenka Ribeiro e Alfred Sholl Franco (2018) apresentam os direitos sociais e educacionais garantidos pela sociedade surda no Brasil. Expondo a importância das escolas



bilíngues ou comuns da rede regular de ensino para todas as pessoas surdas e ouvintes no nosso país. A autora inicialmente destaca que no Brasil direitos e garantias sociais e educacionais de surdos são ampliados com o reconhecimento da língua brasileira de sinais, além da língua portuguesa, e com a criação de escolas bilíngues e comuns da rede regular de ensino com a presença obrigatória de intérprete no processo para alunos surdos. E por conta disso, as aulas de inglês para alunos surdos são feitas em ambientes multilíngues, permeado por diferentes culturas, identidades, representações de alunos e profissionais. Esse trabalho reflete e propõe uma nova forma de trabalhar o currículo, relacionado a inglês, português, Libras e ASL (American Sign Language). Também apresenta que o contexto tecnológico avança rapidamente, e pensar o currículo significa realizar uma construção contínua de fazeres produtivos, individual e coletivamente. Neste trabalho, a realização de uma oficina visou esclarecer as diferenças das línguas em questão, proporcionando ao público de diferentes idades e níveis de escolaridade o cenário das diferentes modalidades.

Renata Maria Oliveira Mendes (2018). Esta pesquisa teve como base de investigação o uso de materiais didáticos adaptados como ferramenta de ensino em uma classe mista de alunos, ou seja, ouvintes e surdos. Mendes pontua que os alunos com necessidades educativas especiais muitas vezes possuem dificuldade de compreender alguns conteúdos específicos, como no caso de ciências, que foi o assunto da atividade proposta. A atividade sobre o ensino do sistema cardiovascular foi realizada com alunos do oitavo ano do ensino fundamental. A autora produziu uma sequência didática, utilizando materiais adaptados com a Libras. Após o fim da atividade, os alunos foram avaliados por meio de um questionário que abordava o tema e os conteúdos feitos, sendo assim, validou-se o uso e a eficácia do material produzido.

### 3.2 A SÉRIE CRISÁLIDA: APRENDIZADOS E REFLEXÕES

A ficção *Crisálida* expõe jovens surdos que ultrapassaram as dificuldades do dia a dia em uma sociedade desenhada apenas para ouvintes. No primeiro episódio, que estreia no FAM 20 anos, Rubem (Cleiton Cesar Ribeiro) vive os problemas da adolescência num mundo onde o som não existe. No princípio do cinema, as imagens em movimento não tinham som. Era a época do cinema mudo. A série nos remete a esse cinema. Tem distribuição da Netflix e é produzida por Alessandra da Rosa Pinho, que além de produtora audiovisual, estuda Letras Libras na Universidade Federal de Santa Catarina. *Crisálida* consegue ter uma ótima dose de originalidade. Trazendo boas histórias em uma curta temporada de quatro episódios de 20 minutos. As gravações foram feitas em três etapas no segundo semestre de 2019. A primeira

delas foi produzida no Colégio São Paulo, em Ascurra, no vale do Itajaí. Segundo a autora da série, este colégio foi escolhido a partir de uma viagem de trabalho, e chamou tanto a sua atenção quanto a do produtor Serginho Melo, que resolveram fazer a primeira fase da série nesse local. Todos os alunos no colégio aceitaram participar das gravações.

A casca que envolve o corpo da lagarta, a crisálida, só é rompida quando a borboleta está completamente desenvolvida e pronta para sair. Sendo assim, “a borboleta dentro do casulo rompe a crisálida, e é como um surdo que não sabia Libras e depois aprendeu a língua de sinais”, esclarece Alessandra. O piloto foi produzido pela Raça Livre Produções, Vencedor do VIII Prêmio Funcine Edital Armando Carreirão 2014, e produzido com recursos da Prefeitura Municipal de Florianópolis/ Funcine.

Crisálida é uma série que trata sobre surdos e ouvintes. Da mesma forma, voltada para surdos e ouvintes. Com um elenco totalmente misto. Ela já valeria a atenção apenas por isso, considerando a necessidade de conteúdos que abordem essas vivências. Ela é formada por vários núcleos narrativos que possibilitam um questionamento diverso sobre como é o dia a dia de uma pessoa surda e as tristezas e alegrias de suas relações com o universo e as pessoas, sendo elas ouvintes ou não. Ao mesmo tempo aparecem histórias interligadas a partir de pessoas que frequentam um curso de Libras.

Crisálida apresenta qualidades didáticas muito produtivas. A mesma pode ser usada em cursos e salas de aula para adultos e jovens em vários pontos, introdutórios ou específicos. Pode-se relatar através dela amor e amizade, maternidade e paternidade, mercado de trabalho, cultura e lazer para pessoas surdas e suas relações. Caracteriza-se uma delicadeza em apresentar como a deficiência não é uma questão da pessoa com a perda auditiva e sim da sociedade e seu despreparo para lidar com tudo isso. Não se detém apenas nas dificuldades dos surdos, ou nos problemas de comunicação entre surdos e ouvintes, porém também nos seus sonhos, nos laços de solidariedade e nos afetos que constroem. Além do mais, apresenta também uma diversidade étnica e de sexualidade (levemente abordado) entre os personagens principais.

Os protagonistas conversam em Libras em muitas partes da série. Entretanto, também existem conversas sonoras entre personagens ouvintes sem o uso de sinais. Devido a isso, a legenda é absoluta e democraticamente necessária tanto para o espectador surdo quanto para o ouvinte.

### 3.3 CRISÁLIDA EM SALA DE AULA: UMA POSPOSTA DE APLICAÇÃO POSSÍVEL POR MEIO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O título da sequência didática é “Crescimento e identidade do aluno surdo”.

O público-alvo da sequência didática são alunos do nono ano do ensino fundamental II. Os objetivos didáticos são: compreender o nascimento e o desenvolvimento do sujeito a partir da infância; identificar como se dão as mudanças que ocorrem na constituição da identidade dos alunos surdos.

Como conteúdo das aulas, se tem o seguinte: autoestima; valorização da identidade surda; nascimento e desenvolvimento do sujeito a partir da infância; identidade dos alunos surdos; interdisciplinaridade entre a matemática e a biologia; leitura, produção e discussão de textos.

A duração da aula é prevista para 4 encontros com duração de um tempo total de 50 minutos cada. Como avaliação, a prática será de forma processual, onde a aprendizagem será verificada na participação e realização das atividades, na interação dos alunos e comentários tecidos ao longo da aula. Os materiais necessários para a realização da aula são: datashow, notebook, cartolina, papel A4, giz de cera, lápis grafite, fotos das mães dos alunos no período gestacional e uma foto atual com o filho.

Zabala (1998) compreende que ao se preparar sequências didáticas, o professor deve utilizar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Desta forma, dividimos as subseções seguintes para melhor explicar o conteúdo da proposta de sequência didática que, de acordo com Araújo (2013), condiz nas seguintes etapas de desenvolvimento: “apresentação da situação” e “produção inicial”, “trabalho minucioso” “produção final”.

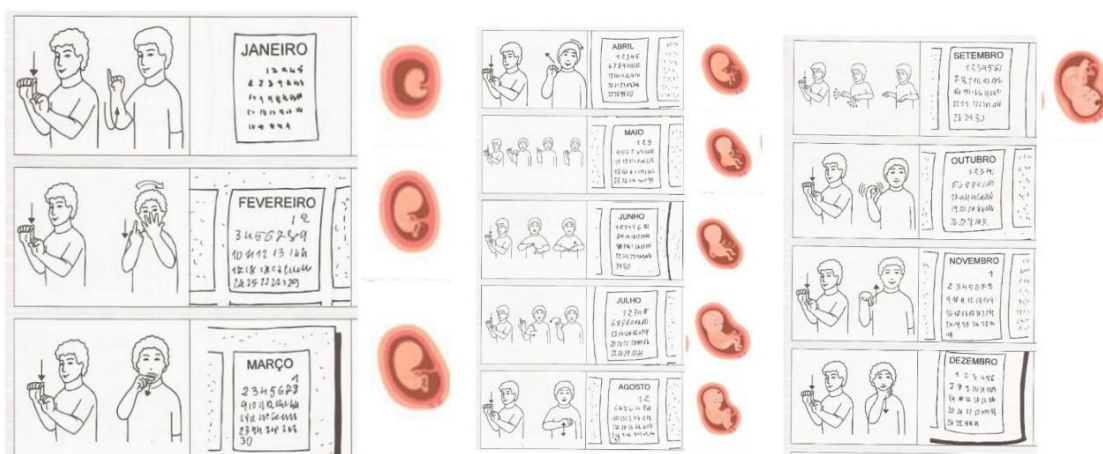
### **3.3.1 Apresentação da situação e produção inicial**

Assistir em sala de aula o terceiro episódio da série *Crisálida*, procurando identificar: o que chamou mais atenção; como é a relação do personagem surdo com outras pessoas não surdas; como é o processo educacional do aluno surdo; o que a escola poderia fazer para ajudar o aluno; e como a família poderia atuar de forma diferente para incluir o personagem principal na escola e no seu círculo de amizade.

### **3.3.2 Trabalho minucioso**

O professor, utilizando o Datashow, apresentará às crianças uma imagem de gravidez, onde mostra o crescimento da barriga de mês em mês. O primeiro slide mostrará uma imagem do feto em desenvolvimento, juntamente com o mês (ex. janeiro), o próximo slide terá o mês de fevereiro, acompanhado da imagem do feto em desenvolvimento, e assim por diante. O professor ensinará o desenvolvimento do bebê, apresentando de forma geral como são contabilizados os meses por meio da Libras. Posteriormente, perguntará aos alunos o que eles entenderam sobre o que viram: O que estamos vendo na imagem? Vamos contar em Libras quantas vezes a barriga cresceu até nascer o bebê? Também nessa aula serão demonstrados alguns sinais em Libras sobre a família (mãe, pai, filho, filha), acompanhados de um debate sobre as diferentes configurações de família (que a família não se refere apenas ao parentesco sanguíneo, mas também a laços afetivos).

Exemplo de recurso didático sobre o tempo gestacional de bebê



Imagens adaptadas de <https://vidacff.blogspot.com/2013/07/meses-do-ano-em-libras.html> e de <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/gravidez.htm>

O professor entregará um papel A4 a cada aluno e pedirá para eles desenharem a mãe deles no período gestacional. A medida que for explicando o conteúdo, ensinará os sinais específicos, ou seja, os que estão sendo tratados no momento. Pedirá para eles guardarem, pois em um momento posterior haverá uma surpresa. Em seguida, o professor mostrará as fotos das mães dos alunos no período em que estavam grávidas, perguntando a turma quem é aquela, para que as respectivas crianças se manifestem. Nesse contexto de relação familiar, também serão abordados alguns aspectos do terceiro episódio da série (exibido na primeira aula), no que dizem respeito a relação entre o personagem surdo e o seu pai, e as dificuldades e os desafios vivenciados pelo personagem principal na superação desses conflitos familiares.

Assim, será possível refletir sobre o papel materno e paterno e como esses papéis apresentam imbricação com as novas configurações familiares na contemporaneidade. Também será refletido a inserção do sujeito estudante surdo nesse contexto domiciliar. O objetivo aqui é fazer com que os estudantes apresentem em Libras frases sobre: como as crianças podem ser melhor acolhidas na família por meio de carinho, amor, compaixão, educação, etc. Para cada argumento, o professor auxiliará os estudantes, apresentando novos sinais de Libras.

### **3.3.3 Produção final**

Por fim, utilizando cartolinas, o professor organizará a turma em dois grupos, cada grupo fará um mosaico com as fotos, o primeiro colará apenas as fotos das mães quando estavam grávidas, e o outro, colará aquelas dos filhos com as mães. Os cartazes devem ser colocados nas paredes, onde os alunos poderão fazer a relação temporal das suas vidas. Em seguida, será realizada uma conversa com os alunos, aproveitando o momento para perceberem o que acharam das atividades realizadas e quais os sinais de Libras conseguiram compreender em torno do tema apresentado. Neste sentido, será solicitado aos alunos que se apresentem por meio da língua de sinais, dizendo os seus nomes, as suas idades, o que mais gostaram nas aulas desenvolvidas e o que mais gostam de fazer com as suas mães quando estão em casa.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação escolar de surdos necessita de um olhar diferenciado, pois as especificidades dos alunos precisam ser consideradas levando em consideração o nível de aprendizagem destes alunos. Alguns autores trazem a falta da escola bilíngue para este público, e de certa forma, a falta desta e, a depender da contribuição familiar, a falta de considerar a Libras, no caso do Brasil, a primeira língua para o surdo, pode fazer com ocorra ausências ou falhas de comunicação durante o processo educativo e social desse sujeito. A falta de contato com a Libras e com surdos pode trazer como resultado a resistência ao aprendizado da Língua Brasileira de Sinais. Isto porque desde muito cedo a criança surda começa a considerar como principal língua a Língua Portuguesa, fazendo com que ela se force a processos de oralização em detrimento da aprendizagem da língua de sinais.

O desafio se torna maior na escola regular inclusiva, quando na sala de aula há apenas um surdo, pois, ele não tem nenhuma criança ou adulto surdo de referência para se inspirar e

desenvolver sua identidade surda. Não tem um par linguístico com o qual possa interagir. É neste sentido que se pode considerar que apesar da ausência de pares nativos para uso da Libras, a inclusão que desconsidere a presença da Libras em sala de aula não é possível de ser acatada. Neste sentido, a presença do intérprete de Libras, para comunicação com o aluno surdo, e a articulação de escolas inclusivas com grupos e associações de surdos que oportunizem aos alunos contatos com a comunidade surda, é essencial. Desta forma, cabe ao professor em sala de aula criar estratégias de trabalho para a valorização da comunicação surda como forma de inserir o aluno surdo não apenas na sala de aula e na escola, mas também nas relações sociais que são dinamizadas fora da instituição de ensino escolar. Se torna importante fazer com que estes sujeitos isolados compreendam e aprendam, com possibilidades de interações com os pares de sala de aula ouvintes experiências que potencializem a leitura de mundo. Este é então um dos grandes desafios da escola inclusiva.

A série Crisálida nos apresenta que a sociedade ainda precisa sanar visões preconceituosas sobre as pessoas surdas. Enquanto a sociedade continuar assim, infelizmente algumas práticas serão reproduzidas na escola, refletindo as atitudes equivocadas, muitas vezes da própria família do surdo. Ter uma prática de ensino condizente com os preceitos da comunidade surda elevam a autonomia dos alunos, mas se a família não estiver preparada para também se modificar, o trabalho escolar fica comprometido, pois, a família, além de ser a base, é o núcleo que o aluno passa mais horas de convivência. Esperamos que este trabalho possa contribuir para novas pesquisas e reflexões na área. Como vimos, ainda é bastante escasso o número de artigos que problematizam e que trazem sugestões de práticas de ensino que podem se tornar ideias a serem desenvolvidas com alunos surdos na sala de aula.

## 5 REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. **Avaliação educacional: regulação e emancipação**. São Paulo: Cortez, 2000.

ARAÚJO, D. L. O que é (e como faz) sequência didática? **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 322-334, jan/jul 2013. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/148>. Acesso em: 01 fev 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, Amelia Rota Borges de. **Proposição de Recursos Pedagógicos Acessíveis: O ensino de Química e a Tabela Periódica**. Journal of Research in Special Educational Needs,

vol. 16, n. 1, 2016, p. 923–927. Disponível em: <https://nasenjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12232>. Acesso em: 11 jul 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

BRASIL. **Lei 13.146**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário oficial da União, Brasília, 6 jul. 2015.

CASTRO, Aldo de Oliveira de; Marcos, Márcia Cristina Martins. Confecção de materiais pedagógicos e oficinas de Libras no contexto da inclusão do aluno surdo nos anos iniciais do ensino fundamental. **Monografia** em Pedagogia. UniSALESIANO, Lins-SP, 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/74596355-Confeccao-de-materiais-pedagogicos-e-oficinas-de-libras-no-contexto-da-inclusao-do-aluno-surdo-nos-anos-iniciais-do-ensino-fundamental.html>. Acesso em: 08 dez 2020.

CÔRREA, Adriana Moreira de Souza; NASCIMENTO, Antonio; VIEIRA, Maria Luana Araújo. A Avaliação do aluno surdo na escola regular. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar, Cajazeiras**, v. 1, Ed. Especial, 20-29, set/dez. De 2016. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/64>. Acesso em: 08 dez 2020.

GOFFREDO, Vera Lúcia Flor Sénéchal. **Educação**: direito de todos os brasileiros. In: BRASIL. Ministério da Educação. Salto para o futuro. Educação especial: tendências atuais. DF: Brasília, MEC, 1999, p. 28-34

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.. São Paulo: Plexus, 1997.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1993a

JANNUZZI, Gilberta S. de Martino. **A Educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.

MENDES, Renata Maria Oliveira. O uso de material didático em Libras como ferramenta inclusiva para alunos surdos. **Monografia** em Licenciatura em Ciências Naturais. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2018. Disponível em: [https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/16616/1/PG\\_COLIC\\_2018\\_1\\_10.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/16616/1/PG_COLIC_2018_1_10.pdf). Acesso em: 08 dez 2020.

MIRANDA, Dayse Garcia. Material didático digital: nova forma de o aluno surdo “ler” e “interagir” com os conteúdos educacionais? **Texto Livre – Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 185-198, jul.-dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/download/16735/13492/>. Acesso em: 08 dez 2020.

PORTO, Shirley B. das N. Sou surdo e não sabia?: situação linguístico, cultural e educacional dos surdos em Sumé/PB e o processo de implantação da escola bilíngue no município. **Tese de Doutorado**. UFPB, João Pessoa, 2014.

RIBEIRO, Nayla Schenka; FRANCO, Alfred Sholl. Desafios educacionais em contextos multilíngues de ensino: uma proposta curricular inclusiva com línguas de sinais e neurociências. *In: Anais do IV COLBEDUCA - Colóquio Luso-Brasileiro de Educação*, v. 3, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/colbeduca/article/view/11460>. Acesso em: 08 dez 2020.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma Monografia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre, Artmed, 1998.